

“JÁ VIU ELES CHORAR PELA COR DE ORIXÁ?”: NOTAS SOBRE O SAGRADO NO URBANO E RACISMO RELIGIOSO

SIMPÓSIO TEMÁTICO: 11 - Racismo religioso, racismo e religiosidade

Jadiele Cristina Berto da Silva ¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro
geojadb@gmail.com

Resumo

A estátua de Iemanjá, localizada na orla do Cabo Branco em João Pessoa - PB, passou quase uma década sem cabeça, quando foi alvo de racismo religioso. O monumento como chave para identidade e representação, concerne, este como fundamento para afirmação de identidade, munido de significado, significação e representação. O monumento materializa a história e memória do lugar, sendo a identidade vinculada ao grupo social de um dado lugar, onde o monumento materializa a história e a memória. O trabalho apresenta reflexões acerca do monumento enquanto força comunicativa e afirmativa de identidade a partir dos monumentos de Iemanjá, especialmente a representação presente localizado na Praia de Cabo Branco na capital João Pessoa, a qual está inserida no contexto de luta pelos movimentos negros e das Comunidade Tradicional de Matriz Africana e Povos de Terreiro em prol da sua restauração. Para tal, a pesquisa bibliográfica e documental foram adotadas como procedimentos metodológicos. O referencial teórico se ancora na interdisciplinaridade por reconhecermos a impossibilidade de tratar a temática na perspectiva disciplinar, para tal dialogamos com Pinto (2011), Nogueira (2020), entre outros intelectuais negros. O contexto de inauguração da estátua de Iemanjá a configura como um marco histórico no Estado da Paraíba. No intenso processo histórico de perseguição aos povos de terreiro do território paraibano, o monumento foi doado por Oswaldo Trigueiro, então prefeito do município de João Pessoa, à Federação Espírita da Paraíba em 1966 atendendo a um projeto realizado pelo então presidente da Federação, Walter Pereira. No mesmo ano, foi sancionada a Lei nº 3.443 pelo governo de João Agripino, que dispunha sobre “o exercício dos Cultos Africanos no Estado da Paraíba”. Do ano 2016 até 2024, a estátua de iemanjá ficou decapitada e decepada. Neste sentido, o racismo se enuncia enquanto estrutural e estruturante, desde a negligência nos processos de investigação que traz um alerta a impunidade do crime religioso ao omissão quanto à reivindicação dos movimentos negros organizados no que tange ao monumento da Orixá.

Palavras Chave: racismo religioso; povos de terreiro; patrimônio.

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Bacharel e licenciada em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba.